

## PESQUISA EM EDUCAÇÃO

Tenho o prazer de apresentar aqui um conjunto de estudos sobre Pesquisa em Educação. Este número da Revista Reflexão e Ação está constituído por diferentes tipos de textos que cumprem, nas suas especificidades, a tarefa de levar até você, nosso leitor, um conjunto diverso de informações e reflexões científicas de profundo significado no contexto contemporâneo da Pesquisa em Educação. Os textos aqui apresentados passaram e foram discutidos, pelo menos em uma das duas instâncias de atividades do Programa de Pós-graduação em Educação – Mestrado, da UNISC, neste segundo semestre de 2008. Alguns foram apresentados e debatidos nos *Encontros da Pesquisa em Educação* e outros no *II Seminário Nacional de Pesquisa em Educação: desafios à Filosofia e à Educação*<sup>1</sup>. Todos os artigos trazem como proposta as especificidades do debate sobre a pesquisa em educação enquanto campo de reflexão necessário à produção de questionamentos para o conhecimento frente às crises paradigmática e civilizatória da humanidade.

Abrindo este documento trazemos o artigo *Cultura, Identidades e Diferenças* é tratado pela Professora e Pesquisadora Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Faculdade de Psicologia – da PUCRS, Neuza Maria de Fátima Guareschi. Neuza situa sua discussão na área de estudos da psicologia social, em uma perspectiva do construcionismo social, a qual possui como pressuposto teórico uma desnaturalização da “realidade”. Para ela, o construcionismo define-se como uma forma de oposição ao representacionismo. Questiona o representacionismo na medida em que pressupõe: a) estarmos separados do mundo – separação sujeito/objeto; b) que este mundo possa existir independentemente de nossa experiência; e c) o conhecimento como um espelho da realidade. Neuza busca em Íñiguez (2002) uma crítica ao representacionismo afirmando que neste sistema de pensamento, “a separação do sujeito e do objeto faz-se necessária para assegurar uma busca de uma objetividade cada vez mais acurada que se faz no distanciamento do objeto ou da realidade em questão”. Segundo a autora esse fato nos leva a compreender a realidade como natural e não como construída. Por isso propõe a contrapartida da abordagem construcionista que oferece a possibilidade da “desnaturalização da realidade ao entender que a realidade é uma proposição explicativa, ou seja, o mundo não seria anterior à experiência que temos dele”. Isso, segundo Neuza,

---

1 Ambos os eventos são atividades acadêmicas regulares do Mestrado em Educação da UNISC. O primeiro acontece mensalmente, envolvendo a apresentação de trabalhos de pesquisadoras e pesquisadores doutores na área da educação e/ou áreas afins, com o objetivo de potencializar o conhecimento e o interesse pela pesquisa em educação. Esta é uma atividade aberta à participação de todos, envolvendo, participantes de outros Cursos e Programas de Pós-Graduação. Já o *Seminário Nacional de Pesquisa em Educação* é um evento científico bianual, de caráter internacional, do Programa de Pós-Graduação em Educação da UNISC.

não significa negar a existência material das pessoas, eventos, fenômenos, porém implica perceber que “a existência material não tem em si significados fixos, universais, naturais, nem mesmo de se tornar realidade, se não for justamente experimentada como uma verdade”.

O segundo texto é o artigo da epistemóloga portuguesa da Universidade do Minho, Clara Costa Oliveira, intitulado *Educação: Pesquisa, Complexidade e Contemporaneidade* que propõe questões inquietantes sobre a centralidade das pesquisas e das práticas da educação escolar na tradição do século XX. O século passado iniciou, segundo essa pesquisadora, com a educação bancária permeada também com a esperança, trazida por autores como Maria Montessori, Célestin Freinet, John Dewey e Edouard Claparède. Esses autores, segundo Clara, possuem, pelo menos, duas variáveis em comum, além daquilo que os separa entre si: a valorização da aprendizagem não escolar e a compreensão dos fenômenos educativos a partir da ciência. Segundo seu estudo, com eles começou-se a alargar o conceito de ‘educação’, integrando o saber escolar na aprendizagem permanente e comunitária das pessoas (Declaração de Nairobi da UNESCO), onde se integram também a educação não formal e a informal. Para Clara Oliveira, autores como Freire, Illich, McLaren, Giroux, Apple e Macedo têm vindo continuamente a acentuar a importância da educação não formal de cidadãos activos e participantes nas comunidades nas quais vivem, denunciando simultaneamente o profundo vínculo existente entre as estruturas escolares e as politicoeconómicas. Illich, inclusive, legou-nos um modelo estruturado de uma sociedade educativa na qual a escola deixaria de ser obrigatória. Nesse sentido, há o que se pensar, certamente, e o convite está feito.

A seguir apresentamos o artigo *Por uma Literatura Menor: Produção Literária para a Infância* da Psicóloga e Pesquisadora do PPGEDU da UNISC, Betina Hillshein. Segundo Betina “a literatura infantil tem sido relacionada a uma condição de menoridade, isto é, a uma produção literária de qualidade inferior, a qual se esgota em um projeto utilitário, pedagógico”. Assim, pois, “o qualificativo infantil associa-se a um leitor previsto – a criança –, sendo que este gênero literário guarda um estreito vínculo com determinadas concepções de infância que consideram a criança como um ser em desenvolvimento, o qual necessita ser preparado para assumir seu futuro lugar na sociedade”. Partindo desse recorte, Betina vai utilizar as idéias de Deleuze e Guattari, bem como de algumas das muitas contribuições de Michel Foucault para a compreensão da sociedade de hoje, questionando a formação de dogmas e verdades acerca da invenção da infância.

Um mergulho nas questões da filosofia vinculadas à discussão sobre percepção, produzidas com muita agudeza de raciocínio pelo professor Rodrigo Duarte da Universidade Federal de Minas Gerais. Neste artigo Rodrigo nos brinda com a apresentação de “uma versão consistente da idéia da percepção como uma espécie de interpretação”, investigando para isso, “até que ponto as duas

vertentes de pensamento mencionadas – o Kantismo e a Teoria Crítica – poderiam se conectar no sentido de tornar frutífera tanto a superação definitiva do realismo gnosiológico quanto à crítica ao conceito positivista da percepção como um processo psicofísico fechado, sem qualquer lugar para contribuições subjetivas, como fica sugerido na idéia de um momento interpretativo concomitante ao próprio ato de perceber algo”. O filósofo da UFMG debate, então, a partir de uma “articulação feita por Horkheimer e Adorno, na Dialética do esclarecimento, na qual os autores inusitadamente aproximam a doutrina kantiana do esquematismo das condições de assimilação sensível previamente dadas pelas instâncias de controle do capitalismo tardio”.

A partir da pesquisa-intervenção com foco na *atividade* de Vigilância em Saúde do Trabalhador no Sistema Único de Saúde, as pesquisadoras Kátia Santorum, Maria Luisa Wunderlich dos Santos de Macedo, Géli Bringmann e Letiere Zingler nos brindam com o texto intitulado: *Análise coletiva de vigilância em saúde do trabalhador: a autoconfrontação cruzada como dispositivo de formação*. Nele, a noção de *atividade* apresenta-se como ferramenta para acessar o que se considera como *trabalho vivo*. Ou seja, conforme as autoras, “os métodos utilizados – os Encontros sobre o Trabalho e a Autoconfrontação Cruzada – propiciaram um espaço para *elaborar e formalizar* a experiência de trabalho”, propiciando aos trabalhadores um alargamento do seu poder de ação. Nesse sentido, afirmam as autoras, a possibilidade que o método “oferece de transmitir, socializar e validar os conhecimentos advindos da experiência de trabalho, em um enquadre dialógico, acaba por enriquecer esta experiência levando ao desenvolvimento do sujeito e da própria atividade”.

Fechamos a sessão dos artigos temáticos deste número de Reflexão e Ação com o artigo da o artigo de Ari Paulo Jantsch – *Educação, Emancipação e os Desafios da Pesquisa* – da Universidade Federal de Santa Catarina, no qual o autor procura tratar articuladamente os conceitos de Educação, Emancipação e Pesquisa como um “desafio que parcialmente recupera, em tempos de propalada “pósmodernidade” e de um (neo)liberalismo cada vez mais cínico, o projeto civilizatório da modernidade que, segundo Habermas, não se esgotou. Para exemplificar, podemos dizer que a noção kantiana de elevação do gênero humano via educação e a noção humboltiana de universidade que pesquisa continuam vivas. Dos reclames modernos do atual contexto (também marcado pela contradição), consideramos prioritário evidenciar o possível caráter emancipatório da pesquisa”.

Na seção de artigos especiais a novidade é o artigo de Carolina Hessel Silveira que é Tutora no curso de Letras/Libras no pólo UFRGS/UFSC e professora de LIBRAS na Faculdade FAE-SÉVIGNÉ e CESUCA – Faculdade Inedi. Sua pesquisa, apresentada neste texto de Reflexão e Ação sob o título *O ensino de libras para surdos* analisa “representações que professores surdos de Língua de Sinais têm em relação aos objetivos, à importância e às dificuldades do próprio ensino de

LIBRAS”. Carolina toma como suporte teórico os Estudos Culturais e os Estudos Surdos, mostrando que “os professores reconhecem a importância deste ensino e sua relevância para as identidades surdas, mas relataram dificuldades como: insuficiente participação dos alunos na comunidade surda; isolamento dos professores surdos em algumas escolas, sem terem com quem trocar idéias; discriminação em relação aos professores de LIBRAS; insegurança de alguns professores sobre o currículo trabalhado” entre outros indicadores o que nos dá uma idéia da riqueza de seu estudo e deste texto.

Uma boa notícia, ainda, é a retomada, neste número da nossa seção Resenha. Aproveitamos esse retorno da seção para apresentar um tema candente: “O dilema da inclusão na educação especial no Brasil”. Quem nos brinda com essa discussão é a Pedagoga Simone Oliveira Roiz, que nos pergunta, entre outras questões, o seguinte: como incluir sendo que ao mesmo tempo nos deparamos com a exclusão dentro das próprias escolas?

Encerrando essa apresentação, vale dizer novamente algumas das palavras que já dissemos na apresentação dos anais de um dos eventos em que esses textos foram debatidos, ou seja, que apostamos nas reflexões propostas por esses artigos como ações, já que defendemos o pensar em ato como uma possibilidade, não para a superação de qualquer crise, mas para a vivência de alternativas ao agir pelo agir que tem dominado a cultura da aceleração da vida nos dias atuais. Além disso, entendemos que vivenciar um momento agudo de crises como este que ora enfrentamos é estar próximo do alcance de outros sentidos para dimensões tradicionalmente fragmentadas da realidade. Nessa perspectiva defendemos que produzir pesquisa em educação vai além de uma expectativa momentânea de realização ou de glória acadêmica, remetendo-nos aos desafios da produção de outras narrativas, que precisam ser elaboradas segundo recursos discursivos complexos, nas quais seja possível a convivência de idéias contraditórias, concorrentes e complementares. Por isso, o eixo central dos textos aqui publicados são também propostas para a invenção de novas maneiras de pensar a educação na sua relação com a vida cotidiana. Alguns dos artigos, inclusive, vão além dessa dimensão, apontando desafios à filosofia e à educação como questões centrais, como pontes sobre um fazer educação para cumprir um conjunto de determinações políticas que obedecem a exigências de ordem internacional, para um fazer amoroso situado no seio mesmo da pedagogia escolar cotidiana que não se dá de maneira fragmentada, separando, por sua vez, o pensar, o agir e o devir humano.

Temos, por outro lado, objetivos bem centrados na conquista e manutenção do espaço de discussões sobre a educação que nos oportuniza a publicação desses textos sobre Pesquisa em Educação. Esta publicação, como um espaço de acesso livre e portanto aberto ao debate, a bem da

verdade, nos é muito cara e temos labutado pela sua existência, porque sabemos das dificuldades que se apresentam às pessoas e instituições que se propõem a pensar em plena era das múltiplas ofertas de pacotes, de idéias prontas, de receitas certas e de programas fechados em torno de habilidades e competências de cunho tecnicista. Sabemos, além disso, que essas dificuldades se multiplicam quando se trata de criar uma tradição para práticas reflexivas, porque o homem do capitalismo soube muito bem abolir do pensar os sentidos ativos e transformadores.

Contrários a essa maré, os textos que aqui apresentamos estão repletos de intenções, de propostas e de ações que pretendem ampliar interlocuções com outros Programas de Pós-Graduação em Educação, oportunizando o diálogo entre colegas pesquisadores de diferentes instituições. Esses textos nos levam a refletir sobre os rumos da pesquisa em educação no Brasil e a perspectiva de atuação em redes e parcerias, fomentando o debate e o registro de idéias-ações que brotam entre diferentes dimensões da pesquisa em educação: temáticas, áreas de concentração, difusão e avaliações. Como nós, todas as pessoas que escrevem, participam e colaboram com o conjunto de idéias para esse documento fazem uma aposta na socialização da sua produção como pesquisadoras, favorecendo o debate entre os diferentes grupos de pesquisa, que são, ao mesmo tempo, grupos de ações de qualidade (porque profunda e cuidadosamente refletidas) em educação. O convite à reflexão, agora, está feito a você, caro leitor.

Felipe Gustsack

Santa Cruz do Sul, verão de 2008.